

ESCOLASTICO

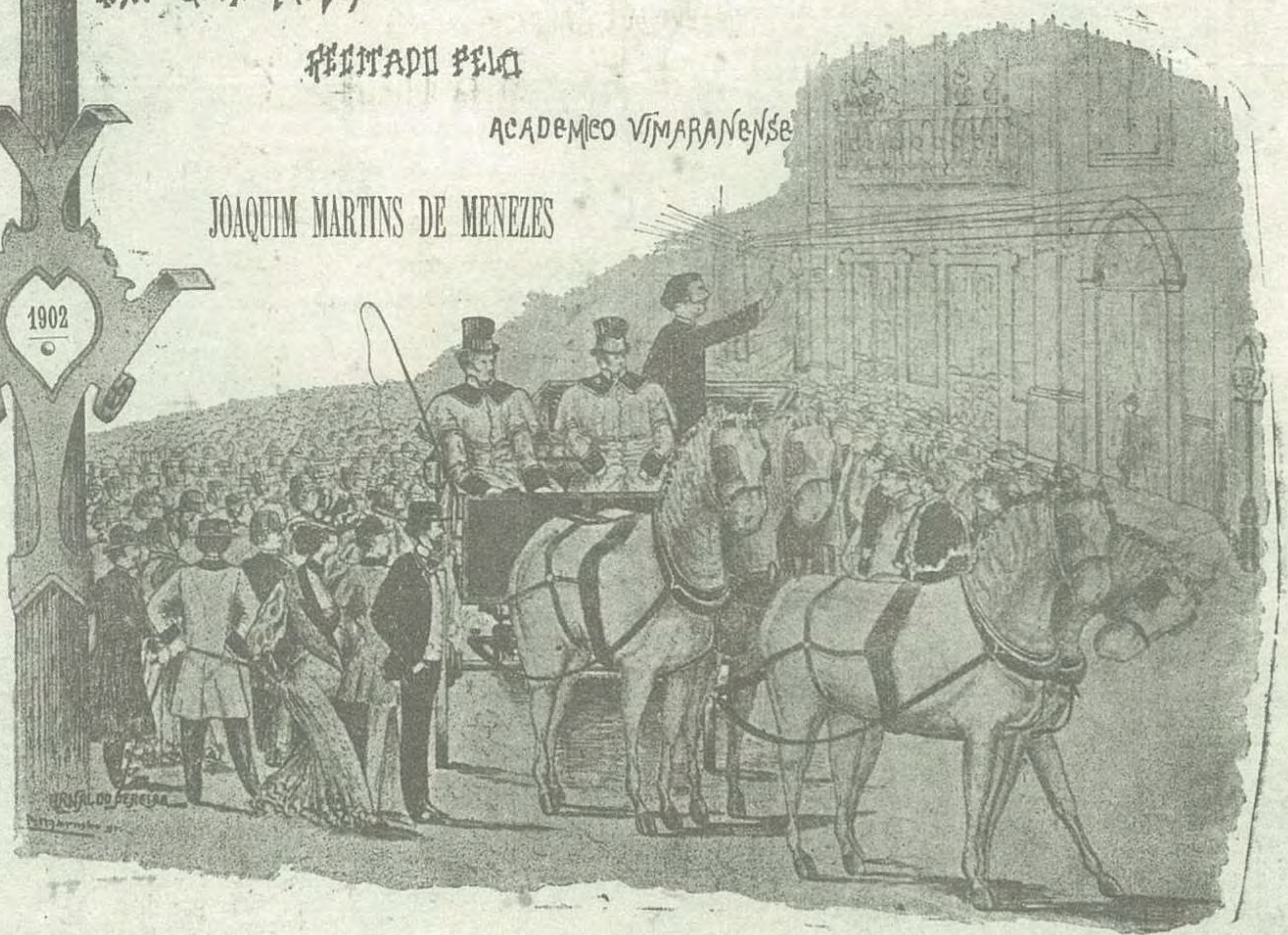
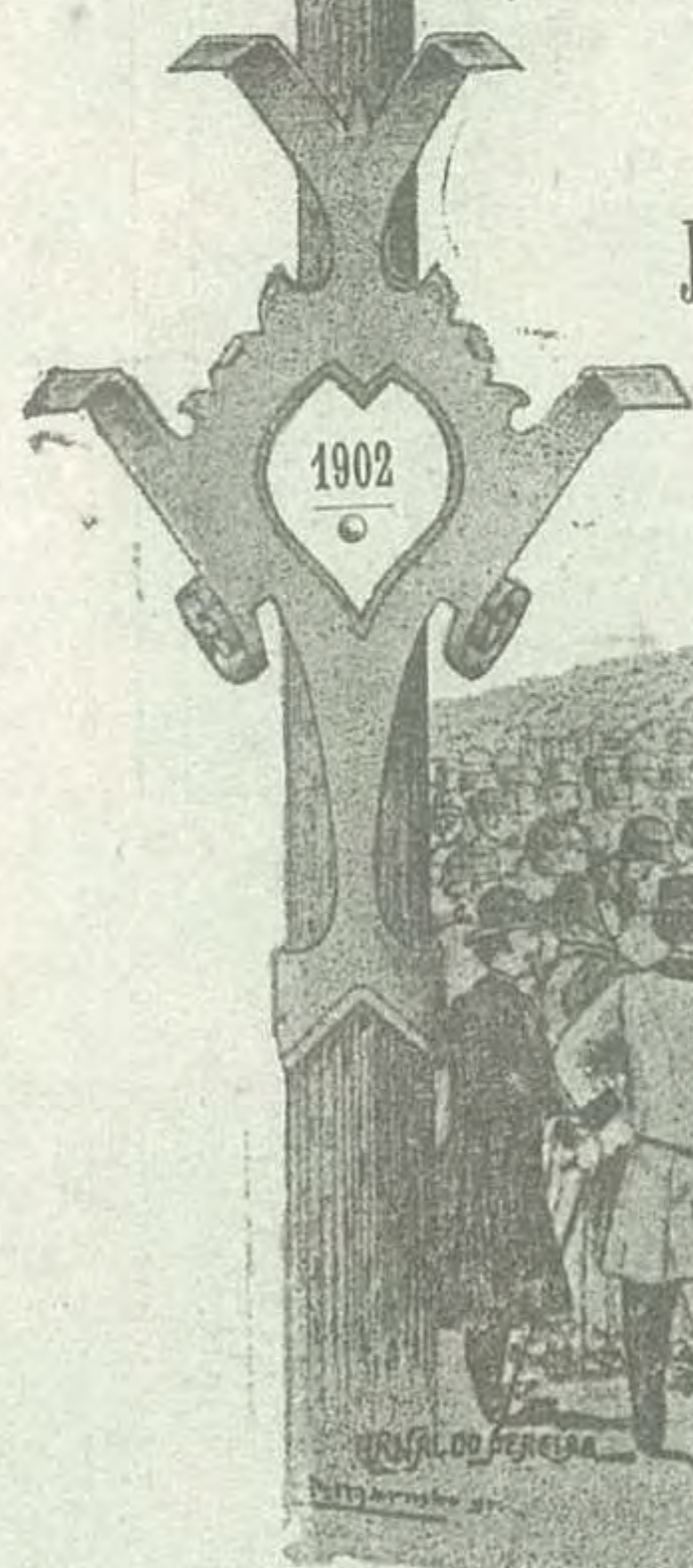
# OS ESCOLARES

DE GUIMARÃES

RETRABADO PELO

ACADEMICO VIMARANENSE

JOAQUIM MARTINS DE MENEZES



Guimarães—Pap. e Typ. Minerva Vimaranesse



## Improviso

(Aos Estudantes)

Ahí váe o nosso bando; e se lhe chamo — nosso  
E' que inda na minh'Alma alguma luz me resta.  
Olhando para mim, vejo que sou um môço.  
E sinto-o agora mesmo, ao vir a nossa festa.

A minha Alma envólve-a a seiva das palmeiras,  
Ouvindo-vos fallar, ouvindo-vos sonhar.  
Que a flôr da Mocidade é como a das roseiras:  
— Quer luz para viver, e Sól para cantar.

Pedindo para a festa o sól que fortifique-a,  
Eu lévo-a dentro d'Alma — um Alma de rapaz,  
Tal como um índio além, que leva uma reliquia,  
Beijando dentro d'Alma o que na Alma traz...

Quando no fim da vida a festa inda nos veja,  
Ha-de acenar de lá, n'um céu fremente e bello;  
Como um sino a dobrar no alto d'uma igreja,  
Como um pombal a rir no cimo d'um castello.

E então, velinhos já, na Alma envelhecida,  
Cantará d'alegria a estrélla aérea e calma.  
Que a saudade n'um velho é uma segunda vida,  
Como a vida n'um môço é uma segunda Alma...

Guimarães, 29—XI—902.

Arnaldo Pereira  
(Estudante aposentado).

Eis-nós em plêna festa!...

Cingindo o nosso arnêz,  
Voltamos mais um anno — o último, talvez...  
O último... quem sabe!... A Mocidade, agora,  
Envelhece a chorar vendo nascêr a Aurora,  
E expira ao pôr do Sól, em tardes de novêna...  
E' tão pequêna a vida... A vida é tão pequêna...  
Pobre roseira em flôr, nascida ao abandono,  
Murcha no mêz d'Abril, julgando sêr o Outômno!  
Mas se não nos é dado erguêr a flôr que cáe,  
Reguêmol'a. sequer, chorando o que lá váe.  
Vivamos recordando o bem que se perdeu.  
— Recordar o passado é recordar o Céu!  
Corramos com a Alma a vida que nos resta,  
Alegres como alguém que váe para uma festa,  
Relembrando um sorriso, um sonho, um soluçar:  
— Quem ha ahí que não tenha um beijo a recordar?!  
Inda ha na Mocidade alguma fôrça inteira.  
Temos ainda a capa; a capa é uma bandeira!  
Ella abre para Deus, assim como as capellas.  
Desfraldada ao luar, fará nascêr estréllas,  
Agitada no azul, fará cantar roseiras.  
Vamos! para o Infinito as capas, as bandeiras!  
E ellas farão voár, cantando, a Mocidade,  
Morta para o Amôr, viva para a Saudade.  
E um dia, já velhinha, a capa aérea e franca  
Ha-de-nos parecêr tão loira, e meiga, e sã,  
Que julgaremos vêr alguma pomba branca,  
Voando pela mão da Estrélla-da-manhã!...

Um bravo a Guimarães, terra de Nicolau,  
Por não usar ainda, aqui, o pão de pau!  
Kaolino e serrim, soldados d'uma figa,  
Formaram batalhões para matar a espiga!  
Correram pelo mundo uns frémitos de mêdo.  
*Estremeceu a Europa e o mundo do mosquédo...*  
E ao fim de tanta lucta, ao povo só compete  
Centeio de madeira e espiga de cacete!  
Só tu, ó Guimarães, ficaste para áquem!  
Guimarães! dá cá a mão! fizeste muito bem!

Seja embora do *chic* e seja da *arte nova*,  
O pão d'esse quilate é cousa que não prova.  
Deixa que o mundo grite e grite a opinião  
Que o trigo é uma balela e o milho é uma ficção,  
E que já eram cal aquellas cinco borôas  
Com que Deus sustentou as cinco mil pessôas...  
Espiga e só espiga a tua bôcca mórde-a.  
O Porto, o da invenção, que côm a essa mixórdia.  
Gritêmol-o em bom sôm, para que o mundo diga  
Que a espiga cá do burgo é sempre a mesma espiga...

Janotinha! Alto lá! Deixa-te de polémicas!  
Tu não tens que cheirar nas festas académicas.  
E' outro o teu caminho, é outro o teu destino:  
Meia volta, volvêr; Ignacio, toca o hymno.  
O' polícia d'el'Rei! faze cumprir as leis!  
Quem manda é Nicolau: janotas a quartéis.  
O' amigo regedôr! Tu, que segundo eu oiço,  
Levaste anno passado a lua ao calaboiço,  
Prepara o *xelindró* p'ra mais uma tarefa:  
Fila-me esse cachorro e méttê-o na cadeia...  
Tapona e mais tapona ao cão que a todos ladra:  
Janotas refilões, com elles para a esquadra!  
Nada de hesitações, nada de cortezia.  
Refilões bofetão! Protestam? enxovia!  
Isto de sêr clemente é cousa que não cola.  
— Levê-m-n'ô ao chafariz a refrescar a bola!  
E se inda refilar, ladrando aos Estudantes,  
Moca! moca a valêr! Moca n'esses tratantes!

Silêncio! Falla agora o nosso coração.  
Um hymno de saudade áquelles que lá vão.  
A'quelles que lá vão por essa vida fóra,  
Alma na bôcca, azas na Alma, olhos na Aurora,  
Pisando a estrada em flôr esplêndida e funesta:  
Choremos os que já não pôdem vir á festa.  
E um dia, ou outro dia, ouvindo a nossa vóz,  
Alguem virá tambem, para chorar por nós...

Tambem hoje, Sampáio, eu sigo os passos teus.  
Adeus, p'ra nunca mais! Adeus! Adeus! Adeus!

Andam agora em guerra, ahi, pelas esquinas,  
Os novos lampeões e as velhas lamparinas...  
O Progresso formou no glôbo, em batalhões,  
E arremessou a luva aos nossos lampeões!...  
Mas a eléctrica vence; aranha que não dorme,  
Váe tecendo em triumpho a sua teia enorme.  
Palmas ao vencedor! merece um parabem.  
*My-lords!* para a frente! *yes!* muito bem!

O' lampeão antigo! ó velho veterano!  
Deixa passar cantando o pensamento humano!  
A terra é um grande mar cheio d'immensa calma.  
São ondas d'esse mar os frémios da Alma.  
Não queiras pois agora, ó trágica carcassa,  
Detêr no seu caminho a Alma que perpassa.  
De resto a tua luz já causa um certo tédio;  
Has de um dia cair; não tens outro remédio.  
Entanto, ó multidões, ide passando, e vêde  
Como a nobre Inglaterra anda a deitar a rêde...

Caixeirinho! Ah! Ah! Ah! Então que aconteceu?  
Foges assim de nós? Que môsca te mordeu?  
Reunindo em accôrdo a classe que protesta,  
Negas a Nicolau dinheiro para a festa?!...  
Acaba o teu rancôr; perdôa aquella troça;  
Não te zangues connôscos; a culpa não foi nossa.  
E' Nicolau quem manda o bando lá do Céu.  
*Quem manda é Nicolau!* Foi elle quem escreveu.  
Por isso dá cá a mão, abraça os Estudantes,  
E fiquemos este anno amigos... como d'antes...

Tricanas da Avenida! Amantes da Folia!  
Nós cá vamos na grande... Em pé, que já é dia!  
Vinte annos só! Floresce a Aurora que flammeja!  
Chegastes finalmente... *á porta da igreja...*  
Tricaninhas de Deus! soltáe a trança ao vento,  
E vinde assentar praça ao nosso regimento...  
Este anno ninguem passa; el'Rei assim mandou.  
O estalão é o amor. Quem é que nunca amou?  
Uma mulher que ama, ó bardos tentadôres,  
E' uma planta de Deus que se cobriu de flôres!  
Vamos! el'Rei concede, ó pallidas maganas,  
Divisas de sargento a todas as tricanas...  
Vinde connosco, a rir, ó dôces moreninhas!  
— Façamos regressar ao reino as andorinhas...  
Em servir um estudante ha muito mais encanto  
Do que em servir o Rei, ou mesmo o Padre Santo.  
A vida é um grande mar das mágoas mais secretas.  
Aprendamos a rir no Céu c'o as borboletas.  
E como um bando alegre, intemerato e nu,  
Entraremos no azul, cantando o *ora váe tu...*

Este anno anda de lucto a Academia. E' signa!  
Coimbra, a velha Mãe, tem sangue na batina.  
Boa Mãe, velha Mãe d'immaculadas tranças,  
Anda a chorar por nós, chôra pelas creanças,  
Mortas a soluçar, sôb o grilhão da Lei!  
— Aqui d'el-Rei, senhôr, contra os grilhões d'el-Rei!  
Humanidade! Humanidade! Humanidade!  
Tiram-te o coração, roubam-te a liberdade!

A bandeira do Amôr, que cobre a terra inteira,  
Ha quem insulte, e calque, aos pés, essa bandeira!  
Senhôr! Senhôr! Senhôr! para que serve a Alma,  
Se dorme, a pobre cega, em socegada calma,  
Sem vêr, sem vêr, sem vêr?!.....  
..... a consciência dorme,  
E impavida, a bramir, pela amplidão enorme,  
Ergue-se a violência intemerata, alerta,  
Como um soldado a rir n'uma janella aberta.  
Résta-nos no Infinito a pálpebra divina.  
Que Deus proteja agora a capa e a batina.

Mais um mundo poisou na pálpebra dos Céos.  
Morreu Zolá, morreu o Mestre — morreu Deus!  
Um gigante que morre é um mundo que se evade.  
Onde termina o génio acaba a Humanidade.  
Por isso o homem hoje, em ância, em desatino,  
Caminha para Deus, mais fraco e pequenino.  
Morreu Zolá; morreu, para vivêr mais forte.  
A vida dos herôes começa com a morte.  
A sua obra immensa, aonde o sól flammeja,  
Basta abril'a no Céu para que o Céu a veja.  
Enche o mundo, enche a estrêlla, enche a vida, enche a História,  
Como uma biblia aberta enche a amplidão marmôrea!  
E embora isso desgoste em França a Academia,  
Fará Deus repouisar lá no Infinito um dia,  
Tudo o que foi na vida o grande sobrehumano:  
— A Alma, um vasto mundo, e o génio, um vasto oceano!  
Saudemos pois Zolá no azul de que se junca.  
O homem fugiu de si, mas Deus não foge nunca!

Santas de Guimarães! Noivas cheias de paz;  
Mais do que nossas noivas, quasi nossas irmãs!  
Toda esta faina em que anda a Mocidade em flôr,  
E' por vós essa faina, ó filhas do Senhôr!  
Já os nossos Avós, Santas de Guimarães,  
Festejavam cantando as mães das nossas Mães.  
E hoje as nossas irmãs, p'ra não perdêr a posse,  
A herança do passado, illuminada e dôce,  
Vêm á janella em flôr, que o Sól aquece e doira,  
Recebêr com saudade a macásinha loira!  
Nós sômos a estroinice esplêndida e sonora,  
Que faz cantar o Sól pelas campinas fóra,  
Que faz rir os pardaes pelos caminhos sós!  
— Mas a nossa existência é sempre para vós,  
Quando a lua entra a rir, doirando as nuvens bellas,  
Caçamos rouxinôes, julgando sêr estrêllas.  
Mas canta em nossa Alma a vossa Alma em flôr.  
— Deus anda com Noé na arca do Senhôr!  
Santas de Guimarães! Entremos pela vida!  
A alma não tem sexo; é uma planta florida.  
Póde andar pelo azul em tribus ruidosas,  
Mais branca do que o luar, mais pura do que as rosas,  
Assim como os pardaes, sôltos pelas campinas:  
— A estrada fêl a Deus, com capas e batinas!  
Entremos pois na vida, a rir pos esses montes.  
Atravessando a Aurora em bandos multicôres.  
Façamos cantar as fontes!  
Façamos córar as flôres!

Em guarda, *minha gente!* A' lucta pertinaz!  
Alérta pelo ruido! A's armas, contra a paz!

Abalemos cantando a vida dos espaços.  
Cem dias de indulgência a quem partir os braços,  
Um mês de feriado a quem estalar as pelles!  
São mais cinco tostões! Aos bombos, pois! A elles!  
Estrondo em toda a linha! Aos bombos, camaradas!  
O ráio quando estala, estala ás gargalhadas!  
Que fique o mundo surdo, e em brados apopléticos;  
Dáe de comêr a Erdäts! Dáe que fazêr aos médicos!

Um hymno tryumphal de bombos e tambôres  
Rebente á gargalhada, entre um montão de flôres,  
Aonde Nicolau, no azul, um bombo empunha.  
E vamos! fogo vivo! *A' unha, Zé da Cunha!*  
Ruido e mais ruido, assim como é da praxe!  
Continência á bandeira!

*Ordinariú... marche!*

Arnaldo Pereira.

